



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

TRABALHO DE CULMINAÇÃO DE ESTUDOS

**Prostituição na Baixa da Cidade de Maputo e Arredores tanto de dia
como de noite: uma análise comparativa da sua prática**

Candidato: Humberto Bernardo Fabião Maguesse

Supervisor: Danúbio Lihahé

Maputo, Dezembro de 2020

TRABALHO DE CULMINAÇÃO DE ESTUDOS

Prostituição na Baixa da cidade de Maputo e Arredores tanto de dia como de noite: uma análise comparativa da sua prática

Candidato: Humberto Bernardo Fabião Maguesse

O júri

O supervisor

O presidente

A oponente

Declaração de Originalidade

Declaro que o presente trabalho de pesquisa é original. Nunca foi apresentado com objectivo de obtenção de qualquer grau. Declaro ainda que esta pesquisa resulta da minha investigação, por esta razão estão indicadas ao longo do trabalho as referências e as fontes por mim usadas para elaboração da mesma.

Humberto Bernardo Fabião Maguesse

Maputo, Dezembro de 2020

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à toda minha família, em especial à minha mãe, à minha esposa e ao meu pai (*in memoriam*).

Aos meus filhos Nado e Nevio Maguesse, dedico e ofereço.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus que plantou em mim, o sonho que hoje se materializa;

Agradeço em especial o meu supervisor *Dr. Danúbio Lihaha*, pelos ensinamentos, e apoio dado desde a elaboração do presente trabalho. Não me esquecendo principalmente das lições de vida, conselhos e aprendizado. Como educador e professor o meu obrigado! Que Deus derrame muita bênção e luz na sua vida. E obrigado a todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia que directa ou indirectamente contribuíram para a minha formação.

Aos meus pais: Humberto Maguesse e Isabel Mucavel, que foram o instrumento para concretizar o precioso dom que recebi do universo e por me ensinarem a superar os obstáculos da vida;

Os meus agradecimentos são extensivos à minha esposa Elsa Dimande, pela cumplicidade e pela atenção em todos os momentos. Meu agradecimento eterno pelo seu amor.

Gostaria de expressar os mais sinceros agradecimentos a todas mulheres, trabalhadoras de sexo, que aceitaram voluntariamente partilhar suas experiências, fazendo parte desta pesquisa, pois sem elas este trabalho não se materializava. Tudo de bom para vocês e que Deus vos proteja ao longo da mais antiga profissão que exercem;

E, por fim, agradeço aos colegas do curso, em especial ao José Muntana, que juntos enfrentamos momentos difíceis ao longo da formação.

Tabelas

Tabela 1. Perfil Sócio-demográfico das informantes

Lista de abreviaturas

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

INE – Instituto Nacional de Estatística

ITS - Infecções Transmissíveis Sexualmente

SIDA - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

Resumo

Em pleno século XXI, a prostituição, ainda que denominada a mais antiga profissão do mundo, continua a ser uma actividade invisível para muitos sectores da sociedade. A verdade é que a prostituição assume-se cada vez mais como profissão, como meio de subsistência aceite pelos seus trabalhadores pela necessidade de sobreviver e sustentar as suas famílias. No entanto, é evidente que a prostituição com o seu *status* estigmatizado é alvo de repressões e censuras, não sendo vista como uma profissão que requer atenção e cuidados de saúde.

Este estudo que foi efectuado com recurso a técnicas de observação e registos diários de campo e composto por uma amostra de dez mulheres, a exercer actividade na baixa da cidade Maputo e arredores permitiu-nos desenvolver um estudo comparado, do ponto de vista da prática da prostituição tanto de dia e de noite, olhando por um lado, para os actores desta profissão em cada período, e por outro, para os possíveis clientes, tendo em conta os dois períodos.

A escolha de um determinado período para a prática da prostituição tem suas razões. De dia as motivações encontram-se mais nos clientes, pois estes dizem ter mais privacidade e de noite as prostitutas afirmam que angariam mais clientes.

Palavras-chave: *Prostituição; Período da sua prática; Tipos de clientes.*

Índice

Declaração de Originalidade.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
Tabelas.....	iv
Lista de abreviaturas.....	v
Resumo.....	vi
1. Introdução.....	1
1.1. Justificativa e pertinência.....	2
1.2. Estrutura do trabalho.....	2
2. Revisão da Literatura.....	3
2.1. Breve historial da prostituição.....	5
2.2. A prostituição em Moçambique.....	7
2.3. Problemática.....	9
3. Teoria e definição de conceitos.....	10
3.1. Teoria das representações sociais.....	10
3.2. Definição de conceitos.....	11
3.2.1. Prostituição.....	11
3.2.2. Representações sociais.....	12
4. Metodologia.....	13
4.1. Métodos e etapas da pesquisa.....	13
4.2. Técnicas e instrumentos.....	13
4.3. Constrangimento e superação.....	14
5. Apresentação e Análise dos Resultados.....	15
5.1. Local de estudo e participantes.....	15
5.2. Perfil sócio-demográfico das informantes.....	15
5.3. Motivações para a prática da prostituição.....	16
5.4. Características das prostitutas da Baixa da cidade de Maputo e Arredores.....	18
5.4.1. O estigma.....	18
5.4.2. A arte de encenar.....	19
5.4.3. Redes sociais familiares e conflitos.....	19

5.5. Prática da prostituição à luz do dia e no período noturno.....	20
5.5.1. Tipos de clientes.....	22
5.5.1.1. À luz do dia.....	22
5.5.1.2. De noite.....	22
6. Considerações finais.....	24
7. Referências bibliográficas.....	26

CAPÍTULO I

1. Introdução

A presente monografia, cujo tema é “Prostituição na Baixa da Cidade de Maputo e Arredores tanto de dia como de noite: uma análise comparativa da sua prática”, realiza-se no âmbito do trabalho de culminação do curso de Licenciatura em Antropologia, ministrado no Departamento de Antropologia e Arqueologia, da Universidade Eduardo Mondlane.

Assim sendo, tem-se por objectivo geral: desenvolver um estudo comparado, do ponto de vista da prática da prostituição à luz do dia e de noite, olhando por um lado, para os actores desta profissão em cada período, e por outro, para os possíveis clientes, tendo em conta os dois períodos.

Especificamente, pretende-se compreender as motivações desta prática; verificar que mudanças ocorrem naquele ambiente; investigar se existem e como se constroem redes de apoios formais e informais de/para mulheres prostitutas na baixa da cidade de Maputo e arredores; e compreender de que modo essas mulheres que geram renda para si e seus familiares, percebem o trabalho de prostituta.

De acordo com Silva (2010), prostituição refere-se a prática de comercializar o serviço sexual, através do prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. É exercido mediante negociação directa com cliente sobre os serviços a serem prestados, e os preços variam de acordo com a performance do profissional.

Em Moçambique e no Mundo a prostituição é uma realidade inegável. Múltiplas e diversas são as histórias e as vidas que levam mulheres e homens a prostituir-se. Distintas, mas sempre com alguns factores comuns.

Para o caso de Moçambique, conforme atesta Alberto (2013), este fenómeno é frequentemente observável no quotidiano nocturno em locais públicos como: as Avenidas 24 de Julho, Julius Nyerere, Keneth Kaunda, Olof Palme, Rua do Bagamoyo, Consiglieri Pedroso, Rua da Gávea, Travessa da Boa Morte, Feira Popular, Marítimo, Armando Tivane, Rua da Marginal e nas Barracas.

O autor não chega a falar do fenómeno da prostituição à luz do dia, porém com o crescimento do número de prostitutas a oferta de trabalho acontece mesmo à luz do dia e em locais de grande circulação de pessoas. Tal crescimento da actividade, deve-se ao facto de a prostituição ser vista

como uma estratégia de sobrevivência, que muitas mulheres encontram para satisfazer suas necessidades mais básicas, como moradia e alimentação.

1.1. Justificativa e pertinência

A escolha do tema prostituição, por um lado prende-se pela constatação, ao longo dos últimos dias, de muitos focos de prostituição ao nível da Baixa da cidade de Maputo e arredores. Portanto, essa abundância faz com que o fenómeno se alastre até à luz do dia. Por outro lado, e com base na percepção acerca da importância e eficiência dos mecanismos informais e institucionais que actuam juntamente com mulheres prostitutas, o estudo que se pretende efectuar é fruto do interesse em desenvolver cientificamente um tema que afecta a sociedade.

Pretendemos, através dessa pesquisa, promover uma reflexão e discussão dos factores diversos que contribuem para a prática da prostituição à luz do dia, e assim, além de aprofundar esses aspectos, também contemplar o fenómeno em um contexto mais amplo, sem os constantes preconceitos que estamos acostumados a ver e ouvir no quotidiano e, talvez dar subsídios à elaboração de políticas públicas, fundamentais para a ampliação e fortalecimento da cidadania deste grupo social.

1.2. Estrutura do trabalho

Estruturalmente esta monografia apresenta cinco (05) capítulos. O primeiro capítulo contém a introdução, que apresenta a contextualização, a justificativa e a pertinência. O segundo capítulo apresenta a revisão da literatura, discutindo diversos autores que abordam a temática da prostituição, a história da prostituição no mundo e a prostituição em Moçambique. Ainda neste capítulo apresenta-se o problema de pesquisa.

O terceiro capítulo traz o enquadramento teórico e conceptual, isto é, a teoria e os conceitos-chave para realização do trabalho. O quarto capítulo destina-se à metodologia utilizada neste trabalho e os constrangimentos ao longo da elaboração do mesmo. O quinto capítulo reservar-se-á apresentação, análise e interpretação dos resultados, subdividindo-se em pequenas secções que facilitam a compreensão da pesquisa. Ainda neste capítulo, constam as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo II

2. Revisão da Literatura

Este capítulo apresenta alguns autores que se debruçam acerca da prostituição, olhando dentre vários aspectos, a maneira como este fenómeno funciona, as suas motivações até à exclusão social das mulheres prostitutas.

De acordo com Fontinha (2001: 75), a prostituição é “a efectivação de práticas sexuais, hetero ou homossexuais, com diversos indivíduos e remuneradas num sistema organizado”. Não obstante o facto de a prostituição ser uma actividade ilegal, é possível encontrar alguns grupos organizados, onde o espaço da prostituição funciona como um mercado de oferta e de procura, oferta por parte da mulher que se vende, procura por parte do homem que a compra.

Para Oliveira (2004), as pessoas que se prostituem classificam-se segundo o sexo (feminino, masculino, transexuais), orientação sexual (hetero, homo, bissexual) e idade (infantil, adulta).

Tal como nos refere Silva & Ribeiro (2010: 15) “a prostituição feminina não é um problema apenas relativo à condição das mulheres-prostitutas e à sua sobrevivência e dignidade social, mas prende-se também com preconceitos e estereótipos, representações e normas dominantes, interiorizadas pelas próprias prostitutas”.

Logo, são esses preconceitos e estereótipos, que levam à exclusão social¹, e trata-se, pois, de um problema social que contém em si as características de cada sociedade, de índole nacional, social ou cultural.

Na perspectiva de Alves e Martelli (2011) a prostituição feminina é vista na mulher que apresenta comportamento desviante, em função de não usar sua sexualidade apenas para a reprodução ou satisfação pessoal no reforço da intimidade da casa. O discurso sobre o sexo foi formulado a partir de duas visões básicas e antagónicas entre si: de um lado, no universo da prostituição, reina a ideia de sexualidade doente e lugar de perversões; de outro, a do casamento, um espaço higiénico e único onde é permitido manter uma sexualidade saudável.

¹ De acordo com Giddens (1997), por exclusão social entende-se o processo pelo qual os indivíduos podem ser excluídos do pleno envolvimento na sociedade. Devido a precárias condições de habitabilidade, a escolas inferiores ou a condições de transporte limitadas, podem ser negadas a estas pessoas, as oportunidades de melhoria pessoal de que muitos usufruem.

Como se pode ver, estes autores mostram-nos ainda várias razões que levam à exclusão social das pessoas que praticam a prostituição, embora a decisão destas mulheres esteja implícita no seu desejo e expectativa de melhorar a sua situação pessoal e familiar.

Do ponto de vista das motivações que levam à prostituição, Mahumana (2016), conclui que o motivo da prática da prostituição é relativo para cada prostituta, nem sempre a causa é a falta de dinheiro ou falta de emprego, mas sim por desejo de querer divertir-se, querer liberdade e acabam no ambiente da prostituição com influência das amigas e o ambiente de discotecas e casas nocturnas.

Concordando com Mahumana (2016), Chichango (2017), igualmente aponta para a deficiência financeira não estando sempre como o factor principal para a prática da prostituição:

Notamos que são diferentes as causas que fazem com que elas engrenem nesse mundo da prostituição estudantil, algumas apontam a insuficiência de valores como forma de justificar a sua entrada nesse mundo, a falta de mobílias e electrodomésticos de base dentro dos seus quartos, nalgum momento permite que estas sejam discriminadas pelas colegas que já as possuem, mesmo recebendo a mesada dos seus pais, não chega a cobrir esse vazio, e outras pelo simples facto de querer ter sempre algum valor na conta para quaisquer eventualidade, saídas repentinas, e pela ostentação: vestir bem, comer bem, andar sempre cheirosa e com os cabelos importados e bem organizados (Chiango, 2017: 32).

Para o caso acima levantado, nota-se que as jovens prostituem-se por um simples capricho ou ambição, pois, elas são jovens que ainda têm os seus pais e/ou encarregados de educação a ajudar, diferente daquelas que muitas vezes prostituem-se nas ruas, que são na sua maioria provenientes de outras províncias a procura de melhores condições de vida e acabam caindo no meretrício.

Aliás, actualmente assiste-se um progressivo aumento de mulheres que se deslocam do campo para a cidade, muitas vezes sozinhas, em busca de melhores condições de vida, procurando um desenvolvimento profissional mais estável e duradouro, acabando por trabalhar em serviços maioritariamente domésticos ou limpezas.

São vários os factores que levam estas mulheres a abandonarem o seu local de origem, como a pobreza da própria localidade, as fracas expectativas profissionais, entre outros. A ilusão de que a capital oferece boas condições de vida constitui a condição essencial para que as mulheres sejam seduzidas a deslocar-se para esta cidade.

2.1. Breve historial da prostituição

A evolução da prostituição, quando equiparada com práticas de outros tempos, contempla diversas explicações e justificações que possibilitam perspectivar determinadas mudanças sobre as rotinas e contextos a que este fenómeno tem vindo assistir.

O fenómeno social da prostituição tem levantado ao longo dos anos diversos temas de discussão: a degradação social, a saúde pública, os comportamentos de risco, a toxicodependência, a exploração sexual, o tráfico de mulheres e crianças e mais recentemente, a questão da legalização.

A prostituição constitui um fenómeno complexo e multifacetado. Estas mulheres são consideradas um grupo vulnerável, pois na sua maioria são tidas como tendo um comportamento sexual desviante, sendo quase sempre socialmente estigmatizadas e marginalizadas.

Para Silva (2007), a própria historicidade das normas sexuais demonstra como as concepções de sexualidade resultam de uma construção social. É certo que as explicações sobre a prostituição foram-se moldando gradualmente ao longo dos tempos.

De acordo com Bullough (2002), a prostituição tem sido ao longo dos anos, encarada de forma dupla, sendo simultaneamente alvo de recriminações e considerada útil, uma vez que se verifica existir determinados movimentos de tolerância e de aceitação face a este fenómeno social, intercalados com atitudes condenatórias e tentativas de abolição.

Contudo, a História, quanto ao papel das mulheres na sociedade, tem ignorado ou, pelo menos, dado pouca importância, atribuindo-lhes uma utilidade limitada no exercício de poder. Segundo Roberts (1996), na antiga Grécia assiste-se a uma sociedade patriarcal organizada por estratos, permitindo-nos considerar que as mulheres deste tempo, estavam sob o firme e poderoso controlo dos homens. A mulher não possuía nem propriedades, nem direitos de herança, não exerciam poder económico nem legal.

Tal como nos refere Oliveira (2004), a prostituição nem sempre foi alvo de ordenações, leis, disposições, sanções, regulamentos, censura ou recriminações, pois, em determinados períodos da História ela foi tolerada e aceite.

No ano 1100 a.C. foram impostas as primeiras prescrições referentes aos códigos do vestuário para prostitutas, sendo que elas eram obrigadas a usar determinadas roupas, quase sempre sedas e

tecidos transparentes ou coletes especiais em pele, que identificassem a sua profissão. Havia ainda uma lei que decretava a proibição do uso do véu para qualquer pretexto, sendo esta uma marca exclusiva da sujeição da mulher casada ao seu marido. O não cumprimento destas leis era sinónimo de violentos castigos e punições para estas mulheres.

Paradoxalmente, os homens não estavam preparados para abdicar das velhas liberdades, pois, enquanto a mulher casada tinha a sua vida sexual limitada a um homem só, o inverso não acontecia, os homens insatisfeitos com o facto de possuírem várias mulheres legítimas ou amantes, recorriam frequentemente às prostitutas.

Na Antiga Suméria, por volta de 2000 a.C., surgiram as primeiras leis que segregavam as prostitutas, onde ficava bem determinado “que a prostituta devia ser estritamente mantida à distância da mulher legítima” (Roberts, 1996: 230). O aumento do poder das instituições religiosas e políticas, dirigidas pelos homens, a forma patriarcal do casamento, em que o marido era literalmente dono da mulher e dos filhos fez aumentar também a distância entre as mulheres casadas e as prostitutas.

Posteriormente foram elaboradas leis, onde se destacam os decretos de Sólon (640-558 a.C.), legislador de Atenas, tendo sido criados os bordéis estatais. A prostituta secular aparece em Atenas e rapidamente lançaram-se impostos sobre os lucros gerados pelas mesmas. Estas eram pagas em função do preço estabelecido pelo Estado e o pagamento era entregue a um funcionário que dirigia o bordel. A designação das trabalhadoras dos bordéis era de escravas do sexo, mulheres públicas e à disposição de qualquer um.

Essas mulheres começam a ser vítimas de proxenetas. Já no final do século XVIII, após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, as mulheres passam a trabalhar em fábricas ou como empregadas domésticas e devido ao baixo salário, recorriam à prostituição como modo de subsistência.

O século XIX foi a época do triunfo burguês em todos os domínios de actividade, económica, política, ideológica. O papel da mulher era fundamental para o triunfo burguês, sendo que a sua liberdade, em particular, a sua liberdade sexual, era limitada a todo o custo. Nesta época fazia-se acreditar que as mulheres eram isentas de quaisquer sentimentos e vontades sexuais. Essa mentira, tornada verdade, foi divulgada na altura pelos *media* do século XIX, e foi usada para fazer lavagens ao cérebro das mulheres da classe média. Contudo, as necessidades sexuais do homem eram prementes, ameaçando desta forma a pureza do seu lar. Neste sentido, era necessário que existisse uma outra classe de mulheres para desviar da família as necessidades

sexuais dos homens, tendo deste modo o papel da prostituta voltado a ser fundamental (Roberts, 1996).

Concluimos que à prostituta é conotada uma imagem de tudo o que é sujidade e degradação, e ela “torna-se mártir de uma religião de vergonha (...) tal como o mundo do negócio do sexo ensombra o mundo da família” (Roberts, 1996: 231).

Podemos igualmente reflectir através das palavras de Barreto (2008), referindo que a prostituição diz respeito a uma variedade de práticas, sentimentos e acções. Por um lado, pensar que a prostituição é uma forma de escravidão é ignorar o prazer sentido na actividade; por outro lado, considerar que está ligada apenas a este prazer é deixar de pensar nas formas de exploração, e preconceito a que está relacionada e submetida.

Este breve apontamento histórico tem como objectivo, ilustrar como muitas das questões que estão em volta da prostituição são antigas. Um desses pontos é que a prostituição era vista, contraditoriamente, como um problema social, mas que poderia gerar lucros. Cumpria uma função social na delimitação dos lugares a serem ocupados pelas mulheres e das penalidades que podiam sofrer, caso não se mantivessem “no seu devido lugar”, as prostitutas não poderiam ser boas esposas, e as mulheres “de bem” que tentassem viver independentemente dos homens seriam qualificadas de “mulheres da vida”.

2.2. A prostituição em Moçambique

Em Moçambique, constatamos que a prática da prostituição remonta desde o período colonial. Para Lobato (1998), citado por Muianga (2009), os primeiros registos oficiais sobre a prostituição remontam ao período colonial. Foi a descoberta das minas de ouro e a construção da linha férrea para o Transval, Pilgrins Rest, e os diamantes de Kimberley, por volta de 1860, que Lourenço Marques conheceu um movimento de homens de diferentes origens geográficas, religiosas, sociais, como Sírios, Libanês, Italianos, Gregos, Judeus, entre outro.

Ainda na abordagem de Muianga (2009), na Rua Araújo havia uma tabela de preços, por hora ou por noite. Esta prática também era visível nos bairros periféricos de Caniço: Mafalala e Xipamanine, nos anos de 1940 e 50, onde se concentrava a população indígena.

O autor afirma que “Com a chegada da independência no país, o governo da FRELIMO tenta construir uma nova sociedade, onde prostitutas e todos improdutivos foram levados para o campo, considerados fonte de instabilidade social e delinquência nas grandes cidades”.

Segundo Nambale (2009), citado por Mahumana (2016), em Moçambique a prostituição vem desde a tempo colonial, embora o governo português não tenha legalizado, dava grande cobertura a prática da prostituição. Na antiga Rua Araújo, havia grandes casas, bordéis de prostituição onde eram encontradas raparigas de origem europeia, de rara beleza para atraírem os homens, negócios legais de porta aberta. As prostitutas eram praticamente todas brancas, a maioria francesas e sul-africanas.

Ainda conforme o autor, as mulheres que se prostituíam neste local, eram no início de origem europeia, devido aos requisitos de um “padrão internacional” imposto pelos clientes, que a sua origem variava dos Estados Unidos à Áustria, atravessando a Europa.

É importante salientar que o fenómeno da prostituição não ocorre apenas em Maputo. No entanto, conforme aponta Muianga (2009), é frequente observar-se o fenómeno da prostituição de rua na província de Tete, no quotidiano nocturno, em locais, como o Complexo / Motel Mtundzi-Distrito de Moatize, localizada na beira da estrada principal, que serve de corredor entre a província de Tete e os diversos Países fronteiriços, como o caso de Zimbabwe, Malawi e província da Zambézia, também é possível observar o fenómeno em algumas discotecas da capital de Tete, como são os casos do Complexo Desportivo, Barracas da Cidade e Rua dos Macondes.

Na opinião de Tinta (2013), o fenómeno da prostituição em Moçambique, observa-se com maior no período nocturno e em locais públicos como: Avenida 24 de Julho, Julius Nyere, Keneth Kaunda, Olof Palme, Rua de Bagamoyo, Cosiglieri Pedroso, Rua da Gáveia, Travessa Boa Morte, Feira Popular, Marítimo, Armando Tivane, Rua da Marginal e nas Barracas.

Estes locais, conforme acrescenta o autor, transformam-se em autênticos centros comerciais, onde, tanto mulheres casadas, como as solteiras, viúvas, trabalhadoras e desempregadas, estudantes, incluindo menores, oriundo de diversos bairros, deambulam interpellando transeuntes, parando carros, anunciando preços ao eventual cliente.

Portanto, a prostituição no país não fugiu a regra da demanda mundial da prostituição. O índice maior da prostituição encontra-se centrado nas maiores cidades do país, por exemplo, segundo os dados publicados a 9 de Setembro de 2014 pelo jornal *O PAÍS*, a cidade de Tete é actualmente a que mais casos de prostituição detém, registados pelo aumento de estrangeiros e turistas,

impulsionados pelos mega-projectos que a cidade oferece as mãos estrangeiras e nacionais, fazendo daquela pequena cidade, um centro de prostituição a nível nacional.

As cidades de Maputo, Beira e Nampula vem a seguir com taxa de prostituição muito alta, e por todas as cidades do país, existem esquinas onde são conhecidas até com as autoridades municipais sobre a prática da prostituição.

2.3. Problemática

Embora em Moçambique a prostituição seja uma actividade não legalizada, uma vez que não existe perante a lei do trabalho, nem perante a segurança social, ela continua a crescer. Na sociedade Moçambicana é vista, por maioria, como uma actividade imoral. Não havendo uma lei que proíbe esta actividade, as profissionais do sexo acham-se livres de praticar como bem entenderem, seja à luz do dia ou mesmo no período nocturno.

Segundo os dados do jornal Magazine Independente (2014), 2% das mulheres na cidade de Maputo são profissionais do sexo, estimando-se que cerca de 13.554 mulheres dedicam-se a esta actividade. A mesma fonte avança que 31,2% dessas mulheres está infectada pelo vírus HIV. A falta de base de dados sobre esta profissão impossibilita que se saiba a evolução real da situação, revelando-se assim, um grande impedimento para as políticas públicas do Estado para combater esta enfermidade.

Dada a situação da evolução dessa actividade, para a sua prática à luz do dia, a pesquisa questiona o seguinte: Que semelhanças e diferenças existem entre a prostituição que se realiza à luz do dia e no período nocturno?

Capítulo III

3. Teoria e definição de conceitos

Neste capítulo pretendemos fazer a discussão da teoria de base que orienta a pesquisa, e igualmente, apresentar a conceptualização e operacionalização dos conceitos-chave. Nesse âmbito, julgamos como teoria directora a das representações sociais, de Serge Moscovici e os seguintes conceitos-chave: prostituição e representações sociais.

3.1. Teoria das representações sociais

A teoria das representações sociais foi introduzida por Moscovici em 1961 no seu trabalho intitulado *La Psychanalyse, son image et son public*. As discussões sobre representações sociais começaram na sociologia com Émile Durkheim, e foi nesta que Moscovici buscou elementos para a elaboração da sua teoria.

Segundo Alves-Mazzotti (2008), em suas elaborações Durkheim fazia menção ao conceito de representações colectivas, contudo, Moscovici vem mostrar que este conceito proposto por Durkheim referia-se a uma classe muito genérica de fenómenos sociais, abarcando entre eles os referentes a ciência, aos mitos e à ideologia, sem a preocupação de explicar os processos que dariam origem a essa pluralidade de modos de organização de pensamento.

De acordo com Moscovici (1961), a concepção de representações colectivas era estática, e logo não ajustada ao estudo das sociedades contemporâneas, que se caracterizavam pela multiplicidade de sistemas políticos, religiosos, filosóficos e artísticos e fluidez na circulação das representações.

Neste ponto de vista, Alves-Mazzotti (2008), opina que a noção de representações sociais proposta por Moscovici, procura uma lógica nas relações entre indivíduos e sociedade, afastando-se igualmente, da visão social de Durkheim e da perspectiva psicossocial.

Moscovici (1961), desenvolveu uma teoria que buscou compreender e interpretar os processos sócio-cognitivos, através dos quais os indivíduos inseridos em determinados contextos sociais produzem interpretações e ideias sobre a realidade.

A teoria das representações sociais considera que não existe separação entre o universo externo e o interior do sujeito, e em suas actividades representativas ele não reproduz passivamente um objecto, mas de alguma forma o reconstrói, e ao fazê-lo se constitui como sujeito, pois ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio situa-se no universo social e material.

Ainda na esteira de Moscovici (1961), as representações sociais são uma preparação para acção, não apenas porque orientam o comportamento do sujeito, sobretudo porque reconstituem os elementos do ambiente no qual o comportamento terá lugar, integrando-o a uma rede de relações as quais está vinculado o seu objecto.

Segundo Moscovici (1961), as representações sociais resultam do saber prático da sociedade, do senso comum, e pelo facto de estas facilitarem a comunicação entre os actores sociais mediante

as suas interrogações à volta dos objectos com os quais interagem. Através das representações os actores sociais constroem noções e interpretações que dão sentido à realidade. Para ele, as representações sociais têm duas faces dissociáveis, a figurativa e a simbólica, isso significa que a cada figura corresponde um sentido e a cada sentido uma figura.

O que Moscovici (1961) procura enfatizar, é que as representações sociais não são só “opiniões sobre” ou “imagens de”, porém são teorias colectivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos, e que determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou ideias compartilhadas pelos grupos e regem subsequentemente as condutas desejáveis ou admitidas. Será com base nessa teoria, que se procuram as representações sociais, que se constroem a partir da figura da prostituta e a compreensão do significado cultural da prostituição.

3.2. Definição de conceitos

3.2.1. Prostituição

A prostituição tende a ser definida como a troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afectivos, e apesar de comumente a prostituição consistir numa relação de troca entre sexo e dinheiro, esta não é uma regra, podendo-se trocar relações sexuais por favorecimento profissional, por bens materiais, por informação, etc.

De acordo com a *Enciclopédia Católica* (1956), a prostituição é uma actividade sexual praticada fora do matrimónio, sobretudo por mulheres, e tendo unicamente como fim a obtenção de lucro, com quem quer que lhe faça uma proposta.

No entender de Oliveira (2004), a prostituição é apenas uma das formas de trabalho sexual, o desempenho de relações sexuais, entre outras actividades com conotação sexual com uma pessoa ou mais, por motivos não sexuais, geralmente económicos. Esta noção pode ainda ser mais abrangente se for chamada de trabalho erótico. Este é definido como uma actividade envolvendo duas ou mais pessoas, em que uma das partes desempenha a troca de uma retribuição com valor económico, um comportamento com significado sexual ou erótico para a outra parte.

Para Costa e Alves (2001), a prostituição tal como as suas possíveis definições têm variado ao longo das épocas, e assim cada definição depende do sistema de distribuição dos poderes sociais existentes num determinado grupo social, e como uma acção, é entendida como uma transgressão à norma, podendo ser consensual noutros grupos. Ou seja, de acordo com este autor,

o substantivo prostituição é conceito alterável no espaço e no tempo, e designa um conjunto de práticas sociais complexas que permanecem em muito desconhecidas em toda a sua extensão.

Não obstante concebermos a prostituição como uma atitude marginal, apenas porque transgride as normas aceites por determinado grupo social ou instituição, a prostituta entende os componentes de um grupo como estranhos. Além disso, manter este conceito é difícil devido ao facto de esta prática variar de acordo com o lugar e tempo de prática.

3.2.2. Representações sociais

Segundo Moscovici (1961), as representações sociais são uma modalidade de conhecimento particular que têm o papel de elaborar comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. As representações sociais classificam, categorizam e nomeiam novos acontecimentos e ideias com as quais não tínhamos tido contacto anteriormente, possibilitando, deste modo, a compreensão e a manipulação destes novos acontecimentos e ideias, a partir de valores e teorias pré-existentes.

Na abordagem de Alves-Mazzotti (2008), representações sociais são uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados.

O que se pode depreender a partir das abordagens de Moscovici (1961) e Alves-Mazzotti (2008), é que as representações sociais são uma forma específica de conhecimento, que possibilitam a elaboração de comportamentos e comunicação entre os indivíduos.

Capítulo III

4. Metodologia

Neste capítulo apresenta-se a metodologia que foi seguida na elaboração desta monografia, onde encontramos os métodos e etapas da pesquisa, as técnicas e instrumentos de recolha, o local e participantes, e por fim, os constrangimentos e superação.

4.1. Métodos e etapas da pesquisa

Esta monografia adopta dois métodos: o primeiro tem a ver com abordagem, onde a pesquisa é hipotético-dedutivo, que na opinião de Demo (2000), parte de um problema definido pelo

pesquisador, e que é solucionado através de hipóteses de investigação. E essas hipóteses são sujeitas a verificação através da pesquisa empírica.

Do ponto de vista de procedimento, adoptamos o método monográfico, também considerado estudo de caso, que de acordo com Gil (2008), parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. Estes casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc.

4.2. Técnicas e instrumentos

Nesta monografia, associamos a observação directa não participante e a entrevista semi-estruturada.

Com a técnica da observação conhecemos a dinâmica da baixa da cidade de Maputo e arredores, a maneira como acontece a prostituição, quer seja de dia, assim como de noite e observamos também o grupo alvo na execução da sua actividade no local da pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esta técnica não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se desejam estudar.

A técnica da entrevista semi-estruturada foi aplicada ao grupo alvo que são as prostitutas da baixa da cidade Maputo e arredores. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista consiste em uma conversa efectuada face a face, de maneira metódica, proporcionando ao investigador verbalmente a informação. Esta permitiu fazer questões ao longo da conversa com base na necessidade de se obter informações adicionais que nos permitissem alcançar os objectivos do estudo.

4.3. Constrangimento e superação

Ao longo da pesquisa constituíram constrangimentos no campo, o facto de as informantes pensarem que estavam a prestar entrevista para um programa televisivo. Portanto, para tranquilizá-las foi necessário explicar-lhes detalhadamente a natureza do trabalho, exibindo a credencial que adquirimos na Universidade.

Outro constrangimento deveu-se ao facto de as nossas informantes referirem-se que enquanto entrevistamo-las haver perca de tempo e de clientes, contudo para superar esta questão pedimos a compreensão das mesmas, alegando que trabalhos desta natureza, um dia irão contribuir para a melhoria e reconhecimento das suas actividades.

Enfim, outro constrangimento, sobretudo no período nocturno, deveu-se ao facto de muitas vezes sermos confundidos com indivíduos que vão à baixa da cidade de Maputo e arredores a procura de serviço que estas prostitutas oferecem.

Capítulo V

5. Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo propõe-se a analisar a informação recolhida no âmbito da entrevista realizada na baixa da cidade de Maputo e arredores. Primeiro, apresentar-se-á o local do estudo, o perfil das informantes, as motivações para a prática da prostituição e os tipos de clientes para cada momento da actividade da prostituição.

5.1. Local de estudo e participantes

O local do estudo para a presente monografia é a Rua do Bagamoyo e arredores, que se localiza na da baixa Cidade de Maputo. A Rua do Bagamoyo inicia na praça 25 de Junho e vai até a Praça dos Trabalhadores. No decurso, é possível notar a existência de algumas lojas e estabelecimentos comerciais, edifícios feitos de blocos e cimento. Para além destes empreendimentos, é possível notar a existência de bares, discotecas e pensões.

Nas mediações encontra-se a famosa e antiga discoteca Luso, que actualmente se chama Copa Cabana *Night Club* casa de (*Strip Tease*). Também existem algumas ruas que fazem entroncamento com a “Rua de Bagamoyo” como é o caso da Rua da Mesquita.

5.2. Perfil sócio-demográfico das informantes

No que diz respeito aos participantes ou amostra, seleccionamos de forma intencional devido à opção por um grupo específico, neste caso as mulheres prostitutas na Rua do Bagamoyo e arredores. Trata-se de uma amostra composta por 10 participantes de várias idades, diversificadas habilitações, como ilustra a tabela abaixo:

N/O	Nome (fictício)	Idade	Escolaridade	Origem/naturalidade
1	Ana	21 anos	10 ^a classe	Beira
2	Beluxa	28 anos	9 ^a classe	Boane
3	Carla	30 anos	10 ^a classe	Chibuto
4	Joana	23 anos	10 ^a classe	Macia
5	Joice	24 anos	Universitária	Nampula
6	Madalena	27 anos	8 ^a classe	Inhamabane
7	Margarida	27 anos	8 ^a classe	Macia
8	Selma	32 anos	12 ^a classe	Maputo Cidade
9	Teresa	33 anos	11 ^a classe	Maputo Cidade
10	Viví	37 anos	11 ^a classe	Inhamabane

Tabela 1. Perfil Sócio-demográfico das informantes

Pela análise da tabela acima apresentada, podemos concluir que três das trabalhadoras sexuais não possuem o nível básico de escolaridade, ou seja, a 10.^a classe, e cinco concluíram este nível; uma terminou o nível secundário e apenas uma encontra-se frequentando o ensino superior. Presumindo-se, portanto, um nível médio de literacia. Salientamos que relativamente à origem, temos todas zonas do país representadas, isto é, Norte, Centro e Sul, embora com maior destaque para esta última.

Quanto às idades das informantes, de referir que todas possuem uma faixa etária ainda reprodutiva e com capacidades de exercer outras profissões.

5.3. Motivações para a prática da prostituição

Costa & Alves (2001), opinam que cada ser humano é único, e os seus percursos influenciam toda uma vida. Não existe uma personalidade-tipo na prostituição, existe sim um conjunto de condicionantes que se relacionam entre si, levando à prostituição.

Assim, a entrada no mundo da prostituição é uma opção que é condicionada por várias circunstâncias e poderá acontecer em diferentes momentos: há mulheres que se iniciam na juventude, as que a exercem depois de casadas e as que se prostituem depois de terem filhos, entre outros.

De acordo com o trabalho de campo que desenvolvemos na baixa da cidade Maputo e arredores, existem vários motivos mencionados pelas prostitutas que as levou para o mundo da prostituição, e que comprovam as diversas vertentes teóricas.

A Joana (nome fictício)² é uma jovem de 23 anos que está na Rua do Bagamoyo há 3 anos. Chama a atenção pela sua beleza, pela sua figura esbelta e pelos olhos verdes claros de uma profundidade indescritível. Por conflitos familiares com a mãe e com o padrasto, acabou por sair de casa, deixou os estudos e refugiou-se na droga. Sempre muito tímida e semblante carregado, é uma mulher de poucas falas, que encontrou na prostituição a fonte de sustento para o seu vício, conforme pode-se ver nas suas palavras:

Eu estou aqui na rua do Bagamoyo há 3 anos, minha mãe separou-se do meu pai quando eu tinha 16 anos de idade e saiu de Xaixai para viver em Maputo, na Mafalala com outro homem. Este senhor não me queria por nada e por causa

² Por razões óbvias todos os nomes das nossas informantes são fictícios.

disso discutia muito com minha e eu fugi de casa para viver com uma amiga, onde aprendi a fumar mas não tinha dinheiro para comprar as drogas é por isso que estou aqui. (Joana, 23 anos de idade)

A toxicod dependência faz com que muitas mulheres se prostituam para pagar o vício da droga. Este dispendioso hábito leva-nas a ter comportamentos e práticas desprotegidas, que geralmente são negadas por outras prostitutas, a troco de uma maior quantia de dinheiro. Ao longo do contacto que efectuámos com as prostitutas, tivemos a oportunidade de conhecer uma jovem de 23 anos que se prostituía unicamente para conseguir a sua “dose diária” de droga.

Os motivos pelos quais as mulheres ingressam nesta actividade são, fundamentalmente, para além dos problemas familiares e toxicod dependência, as situações de pobreza. Relativamente às situações de pobreza, veja-se o seguinte:

Eu saí de Massinga em 2012 para trabalhar no quintal. Deixei a escola quando estudava 9ª classe e vim para Maputo onde trabalhei 3 anos, mas o marido da minha patroa começou a me assediar e a senhora descobriu e me mandou embora. Tenho dois filhos menores que ficaram lá Massinga com minha mãe e tenho que cuidar, assim a única saída foi de me vender para conseguir algum dinheiro para mandar para Inhambane. (Madalena, 27 anos de idade)

Este excerto da informante demonstra que a pobreza também é uma das principais causas da prostituição na Rua do Bagamoyo e arredores. Uma situação económica precária, marcada pela difícil colocação no mercado de trabalho, por baixos rendimentos e muitas vezes pela condição de família, é uma forte justificativa para o facto de a mulher dedicar-se à prostituição. No entanto, e em contraposição, a presença de estudantes universitários é cada vez mais frequente, embora estas tenham noção de risco de contaminação de doenças como: HIV, SIDA, DTS, ITS, invocam problemas económicos para justificar a sua entrada na prostituição:

Eu saí de Nampula para estudar na Universidade pedagógica em Maputo, não tenho família aqui por isso vivo numa das residências do Campus universitário e o que recebo mensalmente dos meus pais não chega para nada, o que me levou a cair no meretrício. (Joice, 24 anos de idade)

Como se pode constatar, o percurso de uma vida e as suas conjunturas particulares, como a origem, as carências a nível económico, as relações familiares problemáticas, a ausência de oportunidades de trabalho, poderão levar à prática da prostituição.

5.4. Características das prostitutas da Baixa da cidade de Maputo e Arredores

5.4.1. O estigma

O menosprezo que é sentido pelas trabalhadoras do sexo é também manifestado contra aqueles que com elas colaboram e com os quais têm relações de proximidade, tais como taxistas, proprietários de bares, donos de cafés, bem como ainda técnicos de programas e de projectos de ajuda.

Quando estamos a trabalhar, às vezes passam pessoas e olham para nós e quando cruzámos o olhar com elas mostram-nos um olhar reprovador, abanando a cabeça com desprezo. Sentimos mesmo que estávamos a ser encaradas como umas transgressoras da lei. (Margarida, 27 anos de idade)

A prostituição é assim uma actividade que leva à exclusão social. As prostitutas são discriminadas pela sociedade, pois exercem uma actividade sem regulamentação legal. Esta exclusão social leva à estigmatização, à violência, à discriminação e a um aumento do risco de contracção de doenças, uma vez que muitas delas têm receio de ir aos serviços de saúde.

Relativamente à violência, durante a colecta de dados não foram raras as vezes, que assistimos cenários de violência psicológica e física por parte dos clientes e, tal, são muitas vezes desvalorizados pelas forças policiais, continuando a existir a ideia de que as agressões são motivadas pelos seus comportamentos.

Aliás, como refere Mahumane (2016), existem violência e roubo feito por larápios saqueadores que têm vitimado determinados clientes e jovens que se fazem presentes na Rua do Bagamoyo, e na falta desses bens os ladrões recorrem às prostitutas que são violentadas e arrancadas o dinheiro.

5.4.2. A arte de encenar

Cunha (2012), acredita que ao realizarem um trabalho tão íntimo, as prostitutas vêm-se obrigadas a representar para agradarem aos clientes e para serem bem pagas. O acto, a postura e o vestuário fazem parte de uma encenação teatral.

Para serem bem pagas e terem clientes fixos, têm que ser boas no que fazem. É necessário que sejam carinhosas, meigas e sedutoras. Uma particularidade das pessoas que exercem esta profissão é ter de mentir constantemente. É um atributo necessário, seja para proteger a sua identidade, seja ainda para manter o cliente em sigilo, seja para proporcionar um serviço satisfatório, veja-se por exemplo, as seguintes declarações:

“Moço estás a ver que hoje está frio e há muita chuva? Mas olha para nós. Estamos todas vestidas de minissaia, decotes e roupa pouco agasalhada” (Carla, 30 anos de idade)

“Sabe, se não nos vestirmos assim ninguém nos quer (...) tem que ser (...) quando sair daqui para ir a minha casa mudo de roupa, tenho aqui umas calças guardadas” (Beluxa, 28 anos de idade)

As formas de vestir das trabalhadoras sexuais são muito peculiares. Regra geral, quase todas usam saias curtas, grandes decotes, sapatos de salto alto e muita maquilhagem.

5.4.3. Redes sociais familiares e conflitos

A entrada na prostituição nunca é uma escolha fácil. Embora se pense que não tem qualquer dificuldade, requer um conjunto de competências que só se adquirem com a prática. Quando uma mulher entra na prostituição não sabe com o que contar, não prevendo determinados comportamentos dos clientes. Assim, é necessário aprender com as mais experientes as técnicas de negociação com os clientes, a importância do sexo seguro, os riscos que poderão ter, a violência a que poderão estar sujeitas, entre outros.

Numa das nossas abordagens às prostitutas da Rua do Bagamoyo e arredores, conversámos com Ana, de 21 anos de idade, proveniente da Beira, que deixou as seguintes palavras: *“Quando uma das colegas consegue um cliente e descobre que já não possui preservativos eu ofereço alguns para ela puder prevenir-se das doenças”*.

Portanto, esta solidariedade é uma constante nas relações entre colegas, que na medida do possível procuram estabelecer redes de amizade e suporte mútuo. Ao final das actividades, muitas delas partilham chapa para regressarem a casa.

Contudo, apesar destas relações de amizade entre as trabalhadoras do sexo, existem também desentendimentos. O aparecimento de pessoas cada vez mais jovens faz com que as mais velhas, além de serem postas de lado, tenham que partilhar zonas que pertenciam à sua “área territorial”,

gerando vários conflitos. Para tentar eliminar a concorrência, criam-se rumores reprováveis sobre as novas trabalhadoras sexuais.

Tal como todos os indivíduos, também as prostitutas têm família, amigos, filhos e pais, sendo que a maioria tende a esconder da família a sua verdadeira profissão:

É tão triste quando me encontro com a família e ouço-os a falar dos empregos deles e eu calo a boca porque não consigo falar do meu trabalho. Eles podem até desconfiar mas não há nada a apontar a mim. Não há homens em casa, fora do trabalho considero-me uma mulher como as outras. (Selma, 32 anos de idade, 12^a Classe, natural de Maputo cidade)

Em conversa com uma prostituta aparentemente mais velhas das entrevistadas, esta falou sobre a sua situação familiar:

Ainda agora eu gostava tanto de sair com o meu marido, ele sofre tanto com isto mas ele não pode ajudar porque ele não tem condição. Às vezes nós queremos estar juntos, um dia de domingo passear só que a gente não pode, não tem como. Se eu fico quinze dias parada as coisas abanam todas, fica tudo complicado. É um dia que não se ganha, um mês sem ter que pagar renda, energia e mais. (Viví, 37 anos de idade)

5.5. Prática da prostituição à luz do dia e no período nocturno

As entrevistas que realizámos centraram-se em prostitutas que se encontram na Rua do Bagamoyo e arredores, à luz do dia e no período nocturno. Passamos agora a fazer uma breve distinção entre estes dois períodos.

(Ribeiro & Silva, 2010), consideram que a prostituição nocturna é considerada a mais perigosa. A falta de privacidade, a exposição, a insegurança e a humilhação, são uma das características mais descritas.

Uma particularidade e algo positivo da prostituição de noite é que o tempo por cliente é mais curto do que na prostituição à luz do dia, pois esta requer um abrigo e a concorrência é menor. De noite, sempre surge a premissa de que “tempo é dinheiro”, as prostitutas podem assim ocupar menos tempo por cliente, conforme refere a seguinte informante:

Eu venho aqui de noite consigo mais clientes e até mesmo no passeio posso foder (risos). Ao passo que de dia as pessoas circulam em todo momento. Assim, é necessário pagar um quarto nesta pensão ao lado e também vou subir o valor e posso pedir até 750.00 mts para pagar 250.00 na pensão eu ficar com 500.00mts. (Teresa, 33 anos de idade)

Como se pode entender na citação acima, a prostituição à luz do dia, para além de obrigatoriamente requerer um espaço como uma pensão, também pode ser praticada das mais diversas formas, como: em moradias, apartamentos, casas de massagens, hotéis, bares, clubes, etc. As mulheres que trabalham na prostituição à luz do dia apresentam uma grande heterogeneidade a nível social, físico e cultural. É frequente encontrar-se um elevado número das ditas prostitutas civilizadas. A prostituição à luz do dia, muitas vezes é relacionada a um nível de vida mais elevado do que a prostituição realizada de noite.

O facto de muitas mulheres optarem pela prostituição realizada no período de noite, deve-se a necessidade de evitar maior exposição, visto que a rua do Bagamoyo e arredores é um lugar de maior trânsito de funcionários, tanto do sector formal, quanto do informal, como se pode a seguir:

Quando comecei a frequentar este lugar em 2006 eu vinha de dia enquanto meu marido está no serviço, mas depois pessoas que me conhece passavam-me aqui, com isso decidi deixar marido e passei a vir de noite e assim estou bem porque meus vizinhos não vêm aqui e depois não alugo quarto, apenas pago 50.00 mts para o guarda me dar esquina. (Viví, 37 anos de idade)

À luz dos pronunciamentos acima, conclui-se que a opção pelo período nocturno pode estar aliado a dois aspectos fundamentais: evitar exposição e angariar mais clientes, pois a prostituição à luz do dia, no que pudemos observar, tem preços mais altos que a de noite, o que concorre para menor procura por parte dos clientes.

Apesar de a prostituição à luz do dia trazer uma maior protecção e conforto, as prostitutas encontram mais vantagens de noite, designadamente: a possibilidade de uma maior independência económica, em virtude de não terem de dar parte dos seus lucros aos proprietários da pensões e/ou dos bares. O trabalho independente é então apontado como o principal motivo para optarem pelo período nocturno.

Das entrevistas que realizámos, pudemos concluir que algumas prostitutas já tinham trabalhado à luz do dia, tendo apontado como principal motivo de mudança de turno, o facto de dependerem de terceiros. Porém, existem também vários casos de trabalhadoras sexuais que se dedicam, simultaneamente, à prostituição à luz de dia e nocturna.

5.5.1. Tipos de clientes

Para Silva & Ribeiro (2010), são vários os motivos que os clientes apresentam para recorrer aos serviços de prostituição. Embora exista a ideia de que os clientes que procuram estes serviços estão apenas sedentos de sexo, é necessário entender que muitas vezes recorrem à prostituição por outros motivos. Muitos deles procuram as trabalhadoras sexuais por falta de afecto e de carinho, pelo gosto da mudança, ou ainda para conversar com alguém e para desabafar sobre os conflitos de casal ou para combater a solidão. Buscam algum consolo, esperando que as prostitutas tragam algo de novo que as suas esposas não poderão oferecer.

Contudo, dentre os vários tipos de clientes, alguns optam por frequentar a baixa da cidade e arredores à luz do dia e outros no período nocturno:

5.5.1.1. À luz do dia

Ao longo da conversa que tivemos com as prostitutas, pudemos constatar que neste período há tendência de homens aparentemente bem estáveis ou posicionados na sociedade, com uma faixa etária que se situa entre os 40 e 60 anos. Estes justificam que as relações são mais íntimas neste período, porque são atendidos na privacidade e os seus encontros, por regra geral, duram mais tempo.

5.5.1.2. De noite

A maioria das prostitutas admite que a faixa etária dos seus clientes neste período situa-se entre os 25 e os 40 anos, sendo a maioria casados e com um nível socioeconómico médio/baixo. Os clientes casados procuram em especial a realização de experiências sexuais que não têm com as esposas, conforme afirma a nossa entrevistada:

“Às vezes durante a conversa com o cliente ele diz que é casado, eu pergunto o porquê de estar aqui e o quê ele procura? E muitos desses homens casados costumam dizer que querem sentir algo diferente”. (Margarida, 27 anos de idade)

Os clientes solteiros justificam a sua escolha por prostitutas, maioritariamente por tentarem evitar a responsabilidade de relacionamentos convencionais, ou então por dificuldades em formar este tipo de ligações.

6. Considerações finais

Este trabalho cujo tema é “Prostituição na Baixa da Cidade de Maputo e Arredores tanto de dia como de noite: uma análise comparativa da sua prática”, contribuiu para uma apreciação global do fenómeno da prostituição, tanto de dia como de noite. A investigação realizada surgiu da necessidade de desenvolver um estudo comparado, do ponto de vista da prática da prostituição à

nestes períodos, olhando por um lado, para os actores desta profissão em cada período, e por outro, para os possíveis clientes, tendo em conta, igualmente para os dois períodos.

Na primeira fase da nossa investigação, receámos o quanto difícil seria conseguir entrevistar a amostra pretendida. Apesar da população trabalhadora sexual ser considerada inacessível e tendo em conta a sua grande mobilidade pelos vários pontos da baixa, podemos afirmar que o objectivo do nosso trabalho foi bem-sucedido, uma vez que houve a proximidade com estas mulheres, o que facilitou os contactos e a realização das entrevistas.

O facto de a nossa investigação abranger a prostituição de dia e a prostituição de noite, representa, sem dúvidas, uma mais-valia, que permitiu compreender de forma diferenciada, a prática desta actividade nos dois períodos.

A partir das entrevistas e dos contactos realizados, a primeira conclusão que podemos retirar é a de que há uma média de idade produtiva nas trabalhadoras sexuais, havendo mulheres na faixa etária acima dos 30 anos de idade e com o nível de escolaridade aceitável. Também verificámos que a maioria das mulheres é da zona sul do país. Não obstante a presença de mulheres que se dedicam a este trabalho com o objectivo de satisfazer o vício das drogas, a maioria tem como finalidade, a angariação do sustento da família. É notória a preocupação das trabalhadoras sexuais pelo futuro dos seus filhos, sendo perceptível que, embora não queiram que eles saibam as suas profissões, muitas estão na prostituição para lhes proporcionarem o máximo bem-estar.

Verificámos que a criminalidade continua a aumentar, demonstrando-se que é na prostituição de noite que se verificam maiores índices de violência física e de desamparo. O facto de estas mulheres exercerem a prostituição de noite acabam expondo-se à violência.

Na prostituição de dia verifica-se que estas mulheres encontram-se muito mais protegidas, não estando tão expostas aos riscos como agressões e assaltos. No entanto, devemos destacar que, nos contactos realizados, apurámos que todas as mulheres já tinham passado por ambas as experiências. Efectivamente, muitas das vezes nota-se que as mulheres da prostituição de dia recorrem à de noite com o objectivo de angariarem mais clientes.

Relativamente aos clientes, à luz do dia, em virtude da predominância significativa de ambiente calmo, a faixa etária que procura os serviços, varia dos 40 aos 60 anos de idade. Normalmente, são indivíduos trabalhadores e alguns bem sucedidos. Quanto ao período nocturno, face a

existência de agressões físicas e outro tipo de instabilidade, as trabalhadoras do sexo apontaram que há frequência de clientes jovens, cuja idade varia de 25 aos 40 anos de idade.

Em fim, que esta monografia proporcione uma visão consciente e humanizada da prostituição, das adversidades com que actualmente se debatem, bem como a criação de políticas que defendam esta classe social.

7. Referências bibliográficas

ALBERTO, M. C. (2013). *Trabalho, lazer e sensualidade numa oficina de mecânica de automóvel em Kassi-Kassi na Matola*. Tese de Licenciatura em Antropologia (UEM/DAA).

ALVES, A & MARTELLI. C. (2011). *Percursos de Vida: A Prostituição no Porto na década de 60/70*. Dissertação de mestrado. Porto: Universidade do Porto.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith (2008). *Representações Sociais: Aspectos Teóricos e Aplicação a Educação*. Vol 1. Revistas Múltiplas Leituras.

BULLOUGH, Vern (2002). *Women and prostitution: A social history*. Buffalo. New York: Prometheus Books

CHICHANGO, A. A. (2017). *Relacionamentos e práticas de sexo transacional entre um grupo de estudantes de uma residência universitária em Maputo*. Tese de Licenciatura em Antropologia (UEM/DAA).

COSTA, B., & ALVES, L. (2001). *Prostituição 2001: O Masculino e o Feminino de Rua*. Lisboa: Edições Colibri.

CUNHA, M. J. M. d. (2012). *Vivências do Corpo na Prostituição Feminina*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação - Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.

DEMO, Pedro (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.

Enciclopédia Cattolica. Vaticano (1956). 161-7.

FONTINHA, I. 2001. "Prostituição, sexualidade e sida". *II Congresso Virtual HIV/AIDS & Tuberculose: Ontem, Hoje e Amanhã* [on-line]. Disponível em: <http://www.Aidscongress.net/Modules/WebC>. [Acesso em 04.09.2019]

GIDDENS, A (1997). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GIL, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 6ª ed.

MAHUMANA, A. J. (2016). *Afirmção da identidade na prática da Prostituição na Rua do Bagamoyo, na Cidade de Maputo*. Tese de Licenciatura em Antropologia (UEM/DAA).

MARCONI, M. & LAKATOS, E. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Edição Atlas, 5ª Edição.

MOSCOVICI, Serge (1961). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

MUIANGA, B. (2009), *Risco e saúde no Contexto do VIH/SIDA. O caso da prostituição na Baixa da cidade de Maputo*. Lisboa. Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

OLIVEIRA, A. (2004). *As vendedoras de ilusões. Estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Editorial Notícias. Lisboa.

ROBERTS, N. (1996). *A prostituição através dos tempos na Sociedade Ocidental*. Lisboa: Editorial Presença.

SILVA, M. & RIBEIRO, F. (2010), *Mulheres da vida, mulheres com vida: Prostituição, Estado e Políticas*. V. N. Famalicão: Edições Húmus, Lda.

SILVA, S. (2007). “Classificar e silenciar: vigilância e controlo institucionais sobre a Prostituição Feminina em Portugal”. *Análise Social*, vol. XLII (18).

SILVA, F. (2010). *Cuidado junto às mulheres em situação de Prostituição: processos pedagógicos e transformação social*. São Leopoldo: EST/PPG.

Tinta, J. E. (2013). *A Vida atrás dos Riscos: Uma análise antropológica da prática da prostituição na cidade de Maputo*. Tese de Licenciatura em Antropologia (UEM/DAA).